



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RELATOS DE MEMÓRIA COMO REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES

Hérgiton Teodomiro Linhares Maia

União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional, Religioso e Cultural, hergitonm@yahoo.com.br

Maria Adelma Silva Jerônimo

*União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional, Religioso e Cultural,
mariaadelmasilva25@gmail.com*

Joana D'Arc Bezerra de Souza

Universidade Federal de Campina Grande, joana.anjo@gmail.com

Dr. Matusalém Alves Oliveira

RESUMO: As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, mas vivido. Nessa consonância que projeta o entendimento de como são representadas essas mulheres? Este artigo objetivou-se em compreender a importância das representações sociais e sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de suprir traumas inconscientes gerados durante o período longe do ambiente escolar, demonstrados nos relatos escritos. Este trabalho foi realizado com treze alunas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Guedes de Andrade em Campina Grande – PB. Os resultados obtidos pontuaram fatores para uma aluna poder abandonar os estudos: mudanças na área escolar, envelhecimento da população, mudanças nas estruturas familiares, deslocamento dentro de uma região, aumento da pobreza, sexo, gravidez, entre outros, evidenciaram a necessidade de recuperar a estima dessas senhoras, emancipá-las educacionalmente.

Palavras-chave: Mulher. Representação Social. Ação Transformadora. Relatos Escritos.

INTRODUÇÃO

Observando a história sobre o gênero feminino e suas representações sociais, percebe-se que estas foram negligenciadas durante o processo histórico da humanidade, variadas e diversificadas concepções foram construídas decorrentes de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo social.

As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, mas vivido. Ao descobrir a história do silenciado, nas entrelinhas dos escritos destas, encontram-se nos labirintos de palavras centelhas de verdades.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Trabalhar com escritos e oralidade do universo das mulheres leva, necessariamente, a tecer considerações acerca das representações sociais e das relações de gênero. Elencando todo esse retrospecto em torno do gênero “mulher”, evidenciando a necessidade de entender o processo de representatividade destas.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste artigo foi realizar um estudo investigatório da trajetória de vida das mulheres entre trinta e quarenta e cinco anos alunas da Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade em Campina Grande – PB, para entender como essas se representam socialmente através de escritos e relatos de memórias, compreendendo a importância das representações sociais e sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de suprir traumas inconscientes, demonstrados nos relatos escritos. Dessa forma, buscou-se norteio para explanar os caminhos deste artigo com abordagem qualitativa, mulheres, baseando-se em escritos e relatos de memória das referidas educandas.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A concepção do termo *representação social* refere a uma imitação mental. É através do ato de representar que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência. O termo *representação* tem vários significados, por tratar-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo “representare”, significando tornar presente ou apresentar de novo.

O conceito de representação foi desenvolvido por Serge Moscovici, que legitimou a teoria da representação social em meados da década de 1960. As representações sociais são indispensáveis nas relações sociais integrantes de um processo de interação social, permitindo aos membros de um grupo comunicar-se e se compreender. Moscovici (2003) identificou dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo através do qual as representações complexas e abstratas tornam-se simples e concretas e a ancoragem corresponde a um modo de encontrar um lugar para encaixar o não familiar, o incomum, o diferente, o fora do contexto e lhe atribuir um sentido.



Segundo Moscovici (2003), entre várias funções das representações sociais, destacam-se quatro: *função de saber* – as representações sociais oferecem uma explicação e um sentido à realidade; a *função de orientação* – serve como guia dos comportamentos; a *função identitária* – permite ao indivíduo construir uma identidade social, posicionando-se em relação aos outros grupos sociais, ou seja, as representações sociais permitem distinguir o grupo que as origina dos outros grupos; já a *função de justificação* – permite aos indivíduos explicarem e justificarem as suas opiniões e os seus comportamentos.

A Teoria das Representações Sociais no Universo Feminino

Ao formular uma indagação, o que se quer compreender é se existe um “saber” ou um conhecimento sendo produzido pelos atores sociais intimamente relacionados a uma prática educativa, de forma a ser considerada um fenômeno de representação social (ROCHA, 1997).

Os fenômenos da representação social estão espalhados nas ideias e práticas individuais e coletivas. Eles são difusos, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias de interação social. São formas de conhecimento, são teorias sobre a realidade. Participar desse universo como indivíduos comuns é uma coisa, estudá-lo como tema substantivo numa investigação científica é outra coisa. (ROCHA, 1997, p. 32).

Com base no pressuposto da concepção da educação feminina como um objeto de fragilidade, e reportando à proposição de Moscovici (1978) de que a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria familiaridade, como caráter intersubjetivo e de ruptura com paradigmas a partir dos quais foram criadas as diferentes concepções do processo de ensino e de aprendizagem de mulheres da Educação de Jovens e Adultos, esse agrupamento educacional pode ser considerada, segundo Moscovici (2003), como um objeto de representação social.

As representações sociais impregnam a maioria das relações, dos objetos produzidos ou consumidos, assim como as comunicações do cotidiano e, com isso, é marcada a sua presença na sociedade como um todo. Elas podem ser produzidas nas mais variadas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

interações, desde o pensamento popular e o contexto social. Assim sendo, são considerados possíveis geradores de representações: teorias científicas, conceitos sociais, cultura, arte, toda a realidade material e ideal (SÁ, 1996).

A percepção da mulher contemporânea com relação à educação em sua idade adulta, seja influenciada, de alguma forma, pelas representações sociais sobre o assunto, e pelas características do momento histórico e da sociedade ou civilização em que ela inserida, as atitudes e hábitos culturais podem afetar o modo pelo qual as mulheres interpretam suas sensações físicas e vivenciam essa fase da vida, essas interpretações podem estar relacionadas, também, com seus sentimentos em relação à própria maturidade (PAPALIA; OLDS, 2000).

Ocorre, portanto, uma interação sistêmica entre os diferentes fatores ou sistemas que constituem a cultura e, em virtude dessa interação, encontram-se em permanente mutação (ANGERAMI, 2000). As mulheres têm características próprias, e não estou falando das anato-fisiológicas, são concepções únicas que desenvolveram a sua formação como ser social, familiar, pessoal e cultural, características identitárias de um ser capaz de transformar o seu meio para representar-se. Mesmo no silêncio de suas falas revigora a força transcendente da ideologia dos grupos sociais com presunções coletivas impositórias, nas quais esta seria minoria dominada. A quebra desses paradigmas sociais modulam as características únicas e pessoais dessas mulheres que escrevem sua própria identidade.

Relatos de Memória como Representatividade: *Mulheres que Escrevem sobre Si*

A pessoa que escreve movimenta-se cognitivamente, refletindo seu percurso no ato da escrita, seja ele em qualquer esfera: formal, não formal e informal. De acordo com Thompson (1998), utilizar os relatos como fonte de pesquisa é lançar a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação, traz a história para dentro da comunidade e os relatos de memória extrai a história de dentro da comunidade.

Partido dessa perspectiva há uma necessidade de valorar os escritos de mulheres que escrevem sobre seu cotidiano. Que usam as palavras para denunciar agressões, injustiças,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desrespeitos, usando a escrita como tratamento para libertar-se dos males provocados pelos traumas sofridos durante toda sua caminhada. O falar sobre si é para as mulheres, o espaço de fortalecimento da identidade de construir uma história pessoal, estabelecendo laços de amizade, inclusive com outras mulheres que se identificam com a sua história de vida, práticas pouco estimuladas pela cultura machista, presente nas diversas instituições nas quais a mulher encontra-se inserida.

Para as mulheres, escrever é apropriar-se da arte para oferecer visibilidade à sua própria história e, com isso, também, ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público. Parece natural pensar na escrita sobre a vida particular como uma atividade feminina, pois ainda hoje continuam tantas vezes encarceradas em espaços particulares. Talvez, sejam as mulheres oprimidas que mais escrevem esse tipo de texto, desde os primeiros bilhetes, passando pelos diários na adolescência, cadernos onde confidenciaram a elas mesmas os primeiros segredos, as incompreensões sobre a vida, os desejos afetivos, as incertezas que a vida e a sociedade se incumbiram de sessar-se.

Os escritos narrados por mulheres, cujas vozes, apesar de silenciadas por várias décadas, se fazem ouvir. Esses escritos propõem levantar e trazer à discursão o que dizem sobre a condição da mulher, mulheres que escrevem sobre si. As memórias legitimam gestos, afetos, expressões cotidianas de como elas enxergam a si e aos outros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa está fundamentada em uma análise qualitativa, explicitada numa estratégia de investigação social e comportamental das referidas mulheres. O procedimento deste trabalho foi dividido em algumas etapas. Iniciando-se com a escolha das mulheres pesquisadas por faixa etária. Treze mulheres adequaram-se às exigências estabelecidas como: idade, morar na comunidade do Catolé de Zé Ferreira e entender e concordar com as condições de exposição que a pesquisa poderia causar. Depois foi proposto a essas mulheres que elaborassem um memorial, onde deveriam narrar sua história, desde as primeiras



lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo que remetesse ao mundo pessoal e escolar percorrido em sua infância e juventude.

Dos memoriais escritos pelas alunas pesquisadas. Foram dados pseudônimos a partir de nomes bíblicos de mulheres como: *Sara, Rute, Miriam, Ester, Rebeca, Betânia, Eva, Isabel, Marta, Madalena, Ana, Salomé e Dalila*, para resguardar a privacidade e intimidade dessas mulheres, prezando pela ética e a confiabilidade da pesquisa. E para finalizar, consistiu em examinar e analisar os escritos dos memoriais com base nos estudiosos e especialistas da área Representação Social, transcrevendo de forma fiel e idêntica os relatos das referidas educandas, sem modificar sua forma ortográfica e gramatical, mantendo sua total originalidade, pureza e imparcialidade.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Essas mulheres oriundas de um seio familiar extremamente carente, de histórias diferentes com realidades comuns, unidas por um mesmo ideal: regressar ao universo do conhecimento; mesmo passando por inúmeras dificuldades, muitas exercem o papel de mãe, de pai, de amiga, de chefe de família, tendo de encarar uma árdua jornada de trabalho e ainda enfrentar uma maratona de conhecimento na escola, e por muitas vezes driblando o cansaço e a vergonha de estudar depois de tanto tempo.

O que será vivenciado nestes escritos sobre essas mulheres corresponderá a muitas falas silenciadas durante o transcorrer de suas vidas. Revelando uma visão íntima da história destas, dentro de suas próprias histórias de vida. Este artigo revela nas citações, a experiências de vida escritas e narradas por mulheres que falam e escrevem sobre si, são vozes caladas, abafadas e silenciadas por muito tempo, encontrando-se nesses escritos o poder da libertação e do fim da opressão. Mas afinal, quem são essas mulheres que frequentam a escola? Essa pertinente pergunta é respondida por elas mesmas em seus escritos nos memoriais:

A história citada faz parte da vida de uma mãe, e mulher chamada XXXX, que tem por objetivo concluir algumas, que não puderam, que no seu passado, infância e adolescência lhe faltou conquistar, hoje anseia estes sonhos. (sic) (DALILA).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Minha história começa assim eu nunca tive uma infância feliz quando eu estava com 2 anos meu pai foi embora e deixou minha mãe e as minhas duas irmãs. (sic) (MARTA).

O não entender o que realmente é indica uma não aceitação do que se representa e ou como está sendo representada pelos outros. Conforme Abric (1998), o ato de representar vai determinar seus comportamentos e suas práticas. O fundamental no êxito da influência social é o estilo de comportamento adotado pelo agente ou aquele que busca liderar (MOSCOVICI, 2003).

Os comportamentos dessas mulheres em suas interações sociais oferecem informações sobre as intenções e disposições psicológicas de quem age. Nesse sentido, pode-se dizer que o comportamento destas constitui, dentre outras funções, uma forma de organização de conteúdos latentes, onde a atitude pode ser pensada como uma disposição interna, mais ou menos favorável e estável, que organiza e atualiza a realidade psicológica em relação a um determinado objeto social, ao qual elas representam. Quando referenciadas sobre suas origens, elas descreveram que, em sua maioria, os pais eram analfabetos oriundos de uma condição socioeconômica precária, como relatam:

Meu pai era analfabeto nunca aprendeu a ler e escrever, minha mãe estudou até a 2ª série. (sic) (ESTER).

Eu tive uma infância muito sofrida, porque eu nasci de pais separados, minha mãe é muda e surda e meu pai só queria saber de encher, a cara de cachaça... (sic) (SALOMÉ).

Primeiro minha vida nunca foi fácil, pois desde de criança que eu trabalho, porque tinha agudar meus pais... (sic) (REBECA).

Este resultado está de acordo com o trabalho de Dotti (1992), onde de cada cem crianças que ingressam na 1ª série, doze chegam à 8ª série. Acentuando-se nas ditas camadas populares, aproximadamente 80% das crianças reprovadas são delas provenientes, evidenciando não o fracasso de uma população em geral, mas de uma população específica. Elencando a formação familiar dessas alunas-mulheres, encontra-se famílias numerosas em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

condições de extrema pobreza, sobrevivendo no limiar da fome, sua renda familiar é oriunda de trabalhos informais, na maioria das vezes necessita da colaboração de toda família, incluindo as crianças, na lida dos roçados e plantações. Impossibilitando o acesso à escola para não comprometer a renda.

Sara escreve sobre esse contexto: *“Sou a penúltima de onze irmãos, éramos muito pobres, quando fui a (sic) escola já tinha oito anos...”*. Ester completa: *“Éramos em 8 irmãos todos analfabetos passamos muita fome[...]”*. *“Em busca de dinheiro meu pai fazia bicos em outros roçados, e eu como seu braço direito o acompanhava... (sic)”*. Quando se refere ao motivo pelo qual essas meninas-mulheres enveredam por outros caminhos e tiveram que interromper sua caminhada educacional, são citados inúmeros fatores, dos mais prováveis aos mais injustos, como as condições econômico-sociais enfrentadas pela família, mudança de local de moradia, gravidez, casamento, trabalho, dificuldades de acompanhar a rotina de estudos imposta pela escola, dentre outras.

Para a representação social esse fator é explicitado por Moscovici (2003) como uma função justificadora das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos. Esses fatores estão ligados paradoxalmente à realidade dessas mulheres, cada uma com seu dilema particular e individual, quando exposto transforma-se em mais um número estatístico, deixando de ser uma mulher e se tornando um ponto de um valor percentual.

Fica evidente a força da representação do sexo frágil que estas são vestidas, em contrapartida a força no princípio da resiliência gerada por estas senhoras em seus discursos, deixando subentendido que aquele momento educacional tinha ficado em segundo plano. Mais uma vez a função justificadora citada por Moscovici (2003) é evidenciada nos relatos de Miriam e Betânia, elas distorcem os acontecimentos, justificando a ausência ao espaço escolar, por conseguinte de uma gravidez inesperada, mas também pelo ideal de libertação dos espaços familiares restritivos. Questionadas sobre o período em que estiveram longe da escola, as alunas expressaram seus históricos.

Fui cuidar de casa e de filhos... trabalhei muitos anos sem ter condições de voltar a estudar... (sic) (BETÂNIA).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Comecei a trabalhar como babá com 13 anos... eu ficava com inveja quando as meninas da minha idade passava para ir a escola e eu lá tomando conta dos filhos dos outros. (sic) (RUTE).

Me angustiava era ver as crianças indo para a escola enquanto eu trabalhava, minha escola era a vida meu lápis uma enxada, meu caderno o chão... (sic) (ESTER).

Mais uma vez a função justificadora citada por Moscovici (2003) é evidenciada nos relatos dessas mulheres que deixaram o sistema educacional porque precisaram ajudar os pais, os maridos nas atividades econômicas, algumas assumiram o papel de chefes de família, outras por falta de orientação e cuidados acabaram provocando uma gravidez indesejada

Elevando a importância de estarem estudando, depois de tanto tempo e tantos obstáculos, essas mulheres guerreiras descreveram:

Hoje eu aconselho as outras pessoas a estudar e não desistir apesar das dificuldades (sic) (REBECA).

Eu sou uma vitoriosa uma guerreira com muita força de vontade e garra de estudar. (sic) (RUTE).

Hoje eu posso sonhar, só quem estuda pode sonhar e sonhar com o melhor. (sic) (MADALENA).

Nas narrativas sobre o retorno à sala de aula, é explicitado que não estão estudando somente para ter um certificado, o ambiente educacional estimulou mudanças psicossociais. Essas mulheres resgataram sua confiança, seu orgulho próprio, desenvolveram seu processo de criticidade e autonomia, estão trilhando seu próprio caminho na construção do conhecimento não só educacional, mas o conhecimento de si mesma.

Segundo Abric (1998), as representações sociais não são simples reflexos da realidade, são organizações de significados que funcionam como um sistema de interpretação da realidade regente das relações dos indivíduos com o seu meio físico e social. De acordo com Freire (2006), mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper.



Essas mulheres demonstram um interesse em ter uma identidade profissional, algo que as norteie e possa proporcionar e oportunizar uma melhoria em seu mundo social e familiar.

Vou fazer um curso profissionalizante. Tenho um sonho de fazer auxiliar de enfermagem, pois gosto muito de ajudar as pessoas. (sic) (SARA).

Já vejo meu sonho presti a se realizar [...] sonho poder fazer uma faculdade, afinal também mereço. (sic) (DALILA).

Pretendo fazer o curso de serviço social e vou fazê-lo... (sic) (MIRIAM).

As falas dessas mulheres guerreiras transcendem a manifestação de seus sonhos sob forma material, eles tornam-se possíveis e através destes mesmos sonhos revigoram suas esperanças em um futuro. Seus sonhos, seus desejos, são consequências de uma luta diária para serem reconhecidas como elas realmente são, e não pelo o que a sociedade impõe. Que seus escritos sirvam de exemplos para tantas outras mulheres ainda vivendo à sombra do silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste trabalho de pesquisa foi possível realizar análises e reflexões sobre a ideia da representação social como ação transformadora e reparadora na vida destas mulheres como forma de suprir os possíveis traumas decorrentes de vários fatores sociais e os resultados obtidos, identificando motivos distintos que levaram as mulheres desistirem de estudar, dentre os quais foram elencados: desagregação familiar, casamento, maternidade prematura, mudança de domicílio, necessidade de ajudar na renda familiar, dentre outros.

Ao observar com minúcia os escritos dessas mulheres sobre o que desenvolveram durante o período em que estiveram fora da escola, ficaram representadas entre linhas, inúmeras tentativas de retorno ao meio educativo, interligadas com as dificuldades entrementes do dia a dia dessas alunas, mas muitas delas escolheram fazer essa fissão para



suprir as necessidades daquela época, daquele momento que estavam vivendo, e algumas sentem orgulho por terem se afastado do espaço escolar para poder ajudar a sua família.

Ficou evidenciada a melhoria na estima dessas mulheres, após o retorno à instituição de ensino, decorrente de um resgate social promovido pela instituição, indagando a importância do desenvolvimento intelectual e psicossocial dessas mulheres. Não só pelo simples fato de estarem estudando novamente, e sim, por inúmeros fatores multissociais, como: melhoria na qualificação profissional, o aumento elevado do número de pessoas em seu grupo de convívio social, a simbiose de conhecimentos, os trabalhos motivacionais desenvolvidos na instituição, ou seja, essas senhoras reconheceram-se e escolheram esse grupo como pertencente, e que o mesmo as representavam socialmente.

Ficam evidentes os reais motivos pelos quais essas mulheres tiveram de pausar sua caminhada educacional, priorizando outros fatores, oportunizando outros sonhos, redimensionando outros objetivos, mas quando desenvolveram o princípio de criticidade, conseguiram se libertar dos grilhões e se alto afirmarem com seus sonhos e ideais de futuros visivelmente representados neste artigo. O retorno a essa dialética educacional resgata todos esses sentimentos de alegria e satisfação, exterminando os medos e a vergonha por não terem um grau de instrução construído dentro de um tempo formal. Estas se representam no simples fato de voltarem a estudar, despertando o hábito de sonhar, descobrindo que nunca é tarde para recomeçar.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia – GO: AB, 1998.

ANGERAMI, V. A. (Org.). **Psicologia da Saúde:** um novo significado para a prática clínica. São Paulo: Pioneira, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**, 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROCHA, M. I. A. O uso da teoria das representações sociais na pesquisa em educação. In: BOMFIN, E. de M. (Org.). **Horizontes psicossociais**. Belo Horizonte: Abrapso – Regional Minas, 1997.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.